



II SIMPÓSIO PROCESSOS CIVILIZADORES NA PANAMAZÔNIA

Figuração, interculturalidade e
relação de poder

9 a 11 de junho de 2021
Manaus-AM-Brasil

ISBN: 978-65-89908-54-8

MORADORAS DE RUA: OS RELATOS DAS MULHERES QUE ESTÃO ACOLHIDAS NO ABRIGO TEMPORÁRIO DO GOVERNO DO AMAZONAS EM MANAUS

II Simpósio Processos Civilizadores na PanAmazônia, 2ª edição, de 09/06/2021 a 11/06/2021
ISBN dos Anais: 978-65-89908-54-8

OLIVEIRA; Célia Maria Nascimento de¹

RESUMO

GT7. PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS E PROCESSOS CIVILIZADORES NA PAN-AMAZÔNIA

RESUMO

O presente trabalho visa relatar como o tempo influencia no dia a dia das mulheres que vivem em situação de rua na capital do Estado do Amazonas Manaus, destacando os perigos que a rua traz para elas, mesmo tendo companheiros ao qual possam confiar como defensores dos perigos que a rua oferta, mesmo assim essas mulheres não estão protegidas, pois o que acontecem nas Ruas são perigos para ambos. A categoria gênero serve como arcabouço teórico e articulação dos relatos das mulheres que vivem em situação de rua, é registro que narram às inquietudes das mulheres que estão nessa condição por vários motivos que serão elencados no corpo do trabalho. Políticas Públicas são necessárias para argumentar a pesquisa com as mulheres que estão em acolhidas no abrigo emergencial para a população em situação de Rua e discutir suas buscas e direitos garantidos como cidadãos de direitos e deveres dentro da sociedade como um todo. A metodologia utilizada seguiu de observação participante, qualitativa com entrevista presencial e semiestruturadas, com perguntas abertas e fechadas às cinco mulheres que estão ou estiveram acolhidas no abrigo emergencial para a população em situação de Rua em Manaus Amazonas no ano de 2021.

1. INTRODUÇÃO

O tempo é um dos fatores que influencia intensamente no cotidiano do ser humano, acrescentando ou subtraindo na relação das pessoas, sobretudo as que estão em situação de rua nas sociedades do mundo real. O tempo é um fenômeno do presente no dia a dia da população que vive em situação de rua.

Relatar a situação da população que está sobrevivendo em condição de rua, nos traz inúmeros

¹ Universidade Federal do Amazonas, celia_mani@hotmail.com

relatos de vida com seus leques de situações vividos em seu dia a dia sejam pelas pessoas que fazem parte de seu cotidiano, ou pelos órgãos públicos com profissionais e o equipamento das políticas públicas.

Gênero é uma categoria que implica no desenvolvimento dessa temática para argumentar a classe feminina e masculina, assim faremos relatos identificando o que é gênero, suas concepções e a vivência da mulher durante sua trajetória e experiência de vida com o seu tempo em situação de rua.

As Políticas Públicas são parte de todo o arcabouço teórico que enriquece esse trabalho, com seus destaques de direitos e deveres que tem as pessoas que estão em situação de rua, pontuando suas condicionalidades, sobretudo o por estarem nessa condição tão desfavorável as demais populações.

A metodologia é o norte de todo esse trabalho o qual se faz necessário a utilização da observação participante para conhecer parte dessa trajetória, qualitativa com entrevista presencial e semiestruturadas, de suma importância as perguntas abertas e fechadas que aconteceram a cinco mulheres que estão ou estiveram em acolhimento no abrigo emergencial para a população em situação de Rua em Manaus Amazonas no ano de 2021. Ressalta-se que todas as participantes desse trabalho aceitaram relatar seu dia a dia nas ruas e tem uma cópia impressa em mãos.

2. DESENVOLVIMENTO

As pessoas vivem fixando moradia nas ruas por não terem outras opções para onde irem, por termos uma sociedade desigual e capitalista, onde os governantes só pensam em aumentar seu lucro, deixando de destinar parte da verba para as políticas públicas que são responsáveis para ofertar o mínimo do básico para essa população que está em situação desfavorável na sociedade.

De acordo com Hirata e Bessi (2010, pag. 11), “toda pessoa que está em situação de rua é um cidadão! Portanto, seus direitos e obrigações estão estabelecidos na Constituição Federal de 1988, independente de cor, raça, religião ou condição social e econômica”.

A população em situação de rua é um ser humano como outro qualquer, portanto, também tem direitos constituídos aos acessos básicos como: água, luz, saneamento, educação, infraestrutura, moradia e o ir e vir como livre acesso.

Conforme afirma a Constituição Federal de 1988 em seu Artigo 5º “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, não podendo ser violado o direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”.

Porém, quase todas as pessoas que estão em situação de rua têm seus direitos de acesso aos serviços negados e em qualquer condição, como se fossem criminosos, e por isso seu direito não é concedido, e sim negado, lhes tirando sua dignidade.

No entanto, se tem política pública nacionalmente constituída para atender esse público desde 2009, política essa implementada pelo Decreto presidencial Nº. 7.053. Esse decreto é resultado de um encontro do então Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva com essa população tão desassistida pela rede, no mesmo momento também foi instituído o Comitê Intersectorial de Acompanhamento e Monitoramento dessa política para essa população.

Uma vez que se sabe, essa população além de ser desassistida pela rede, ainda é discriminada por parte da sociedade. Para Elias (1983, p. 01.), “[...] sua decadência as isola. Podem torna-se menos sociáveis e seus sentimentos menos calorosos, sem que se extinga sua necessidade dos outros. Isso é o mais difícil – o isolamento tácito – dos moribundos [...]”.

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (2021) relata que a população em situação de Rua no Brasil de “setembro a março de 2020 era de 221.869”, porém infelizmente esse quantitativo não é mais o mesmo no dia de hoje, levando em conta os momentos pandêmicos que estamos vivendo, estima-se que esses números estejam mais elevados em sua atualidade.

A nota técnica do IPEA (2021), ainda afirma o número de pessoas em situação de Rua no Brasil cresceu “140% em 2012 de março de 2020, chegando a quase 222 mil pessoas. Em sua maioria, as pessoas em situação de rua encontram-se desempregadas ou em trabalhos informais, atuando como guardadores de carros e vendedores ambulantes, por exemplo,”.

Sendo assim, na Capital do Estado do Amazonas visualiza-se um grande número da população em situação de rua, sobretudo sua concentração encontra-se nas proximidades do centro da cidade.

De acordo com Jair do site fato amazônico (30.04.2020);

O Centro de Manaus concentra a maior parte dos moradores de rua. Por outro lado, não há dados oficiais sobre o número dessa população na capital amazonense – segundo a representante da SEJUSC, estima-se que cerca de 2 mil pessoas viviam nessa condição. O índice não considera os migrantes e refugiados venezuelanos, segmentos que são assistidos por políticas específicas.

Sabe-se que se têm políticas públicas efetivas em Manaus para os refugiados conforme o site relata, porém, infelizmente as políticas públicas efetivas para a população em situação de rua ainda é ineficaz, por ser invisível em muitos aspectos na nossa sociedade.

Nesse sentido Elias (2006, p. 22) afirma;

[...] O deslocamento progressivo dos equilíbrios de poder nessa terra em favor dos seres humanos, em relação à natureza não-humana, atuou no mesmo sentido – o que resultou numa redução dos perigos do lado da natureza não-humana e exigiu uma contenção mais constante dos seres humanos. Simplificando, pode-se dizer: quanto mais alto o nível permanente de periculosidade, tanto mais baixo o nível permanente da civilização.

Verifica-se que a permanência dessa civilização nas ruas acontece diferente, pois essas pessoas que estão em condição de rua, só tendem a aumentarem pelo simples fato de que nas ruas elas se sentem mais sociáveis umas com as outras desse seu grupo.

Como Acerola 43 anos nome fictícia de uma das mulheres que estão vivendo em situação de Rua no abrigo emergencial para a população em situação de rua, a mesma tem um casal de filhos gêmeos que moram em outro estado, afirma;

Estou vivendo nessa situação de rua há mais de 2 anos, e até o momento não tive nenhum tipo de ajuda nem do governador e nem do prefeito, eu e meu companheiro morávamos alugados, mas por causa da pandemia ficamos desempregados, foi quando fomos morar nas ruas, perambulávamos pelo centro durante o dia, quando chegava à noite íamos dormir na frente do Banco do Brasil da Rua Guilherme Moreira, mesmo assim continuei a procurar trabalho, mas infelizmente não consigo outro trabalho, mesmo tendo ensino médio completo e experiência registrada na carteira, tudo por que não ter endereço fixo e por ser moradora de rua. Tenho família em Manaus minha mãe e irmãos, mas não quero incomodar ninguém, não moro com eles por que não quero ser sustentada por eles e depois eles ficarem falando de mim. Eles também não sabem que eu estou vivendo nessa condição de rua, e eu nem quero que eles saibam. (entrevista em 13.03.2021)

Verifica que essa mulher não continua esperando ajuda dos governantes para sair da condição de rua, assim como também percebe-se na fala dela que a mesma não aceita ajuda de seus familiares, mas deseja que essa ajuda aconteça e que seja concretizada pelos governantes do Estado e Município.

De acordo com Jair do Jornal Fato Amazônico o Comitê Intersetorial de Políticas para as Pessoas em

Situação de rua está fazendo levantamento em âmbito estadual;

[...] com ações para iniciar - contagem dessa população, o que inclui a criação do cadastro unificado. Nesse sistema vão constar todas as informações dos atendimentos recebidos dessas pessoas e seus respectivos dados. Com o intuito de alcançar o número de pessoas e seus e ter condições para monitorar os atendimentos, tanto nas organizações da sociedade civil, como nos órgãos que atende esse público. - A secretaria desenvolve ações de cidadania, como emissão de documentos, ações de saúde e referenciamentos (que consiste encaminha para a rede de atendimento). (30.04.2020)

Verificou-se que o estado tem interesse em fazer a devida contagem dessa população em situação de rua, inclusive os atendimentos, porém, as notícias da mídia relata outra realidade. Como informa Deborah Arruda do Jornal em Tempo (04.08.2020), “muitos moradores de rua podem ser encontrados em diversos pontos de Manaus vivendo em condições desumanas, às vezes até famílias inteiras, mas o que motivaram a viver assim?”.

Jambo 38 anos tem familiar em Manaus que moram com suas famílias, tem companheiro que está em abrigo também juntamente com ela, os dois sobrevivem da reciclagem e artesanato. A mulher ainda informou o que a motivou viver nessa condição de Rua;

Estou morando nas ruas há dois anos com meu marido, por brigar muito com minha irmã caçula que mora na casa do meu pai, cuidando dele por que ele tem AVC, tudo por que sou alcoólatra, bebo á 20 anos e não consigo parar. Por isso não consigo mais arrumar trabalho mesmo tendo experiência comprovada, mas quando recebi o Auxílio Emergencial durante os 6 meses juntei meu dinheiro com do meu marido e fomos morar alugados em um quarto alugado lá no centro, mas quando acabou o benefício voltamos para a rua novamente. Ficávamos nas praças do centro e as noites iam dormir no Hospital Getúlio Vargas. (entrevista na data (13.03.2021).

Jambo nos informou que além do problema com álcool que ela enfrenta para dar continuidade em seu tratamento no CAPS'AD, também tem conflitos com sua irmã que não confia mais nela, por inúmeras promessas que irá deixar de beber, mas infelizmente não consegue cumprir.

Para Elias (1983, p. 01);

[...] o gradual esfriamento de suas relações com pessoas a que eram feiozados, a separação em relação aos seres humanos em geral, tudo que lhes dava sentido e segurança -. O isolamento precoce dos moribundos - com mais frequência nas sociedades mais avançadas é uma das fraquezas dessas sociedades [...].

Verifica-se que partes dessas sociedades continuam impedindo que essas mulheres em situação de rua tenham acesso aos seus direitos assegurados como o de moradia, alimentação, higiene, trabalho, saúde e cidadania, entre outros.

Em Manaus a Secretaria de Estado de Justiça, Direitos Humanos e cidadania - SEJUSC implantou Abrigo Emergencial para a população em situação de rua no sambódromo, o espaço é provisório, mas oferta 6 refeições diárias, local específico para higiene pessoal diariamente, roupa de cama, e estrutura física específica para casais e família, alguns roupas e calçados não supri a necessidade dos moradores, por serem objetos doados. A estrutura pessoal é composta por equipe psicossocial, administrativos, pedagogos, educadores sociais, auxiliar de limpeza, manutenção em geral e coordenação da SEJUSC. Essa estrutura foi criada com o intuito de diminuir a desigualdades entre os indivíduos da nossa sociedade.

Nesse sentido, Elias (2000, p. 199) destaca;

As desigualdades entre grupos e indivíduos estão entre as marcas distintivas recorrentes das sociedades humanas. Por que isso acontece é algo que ainda precisamos esclarecer. Mas não deixa de ter importância, para a compreensão das sociedades humanas, examinar e questionar a reivindicação, feita por algumas delas, de representarem um estado de igualdade [...].

É esse estado de igualdade que as mulheres que estão na condição de rua buscam principalmente as que estão em abrigo no Abrigo Emergencial do Governo do Estado do Amazonas. Naquele espaço estão acontecendo à concretização de seus direitos através da equipe interdisciplinar que lá se encontram diuturnamente, no entanto ainda falta muito para que aquelas mulheres ocupem seu lugar na sociedade.

Morango, vive com companheiro a 8 meses, estão juntos no abrigo emergência do governo do Estado, não tem filhos, tem familiares que moram em Manaus, mas não querem morar com eles, preferem as ruas que aceitar favor, tem 22 anos, afirma;

Estamos morando na rua à seis meses, ficamos na frente do 28 de Agosto por que lá eles distribuíam comida e não iríamos passar fome. Utilizava o Instituto da Mulher para fazer minhas necessidades fisiológicas, dormíamos em cima de papelão no chão, mas quando chovia não dormíamos passávamos a noite em pé, muito ruim foi tudo aquilo. Precisamos voltar a trabalhar para podermos nos manter novamente. Depois começamos a frequentar o Centro Pop até chegar aqui no abrigo. (entrevistada em 13.03.2021)

Verifica-se que as pessoas que estão vivendo nessa condição de rua passam por inúmeros conflitos constantemente, seja com seus familiares de sangue ou com seus familiares de coração, “pessoas ou família inteira que conhecem no ambiente que convivem”, e estão nas mesmas condições de rua. Essas pessoas tem sua “auto-regulação” e suas “reconfigurações sublimadas” pelas suas atuais condicionalidades.

Nesse sentido, Elias (2006, pag. 21) afirma;

Embora os seres humanos não sejam civilizados por natureza, possuem por natureza uma disposição que torna possível, sob determinadas condições, uma civilização, portanto uma auto-regulação individual de impulsos do comportamento momentâneo, condicionado por afetos e pulsões, ou desvio desses impulsos de seus fins primários para fins secundários, e eventualmente também sua reconfiguração sublimada.

Todavia, verifica-se que as pessoas que estão vivendo em situação de rua têm sua reconfiguração familiar que são as pessoas que fazem parte de seu dia a dia nas ruas. Porém a maioria dessas pessoas tem membros familiares com moradia fixa, mas que por algum tipo de conflito, ou até mesmo orgulho prefere morar nas ruas ao morarem com seus familiares.

Por isso, Elias (2006, pag. 21), ainda argumenta “[...] o processo universal de civilização individual pertence tanto às condições da *individualização* do ser humano singular como às condições da vida social em comum dos seres humanos”.

E se tratando do gênero feminino se tem a concepção que o tempo é traiçoeiro demora a passar e as mulheres que lá estão se sentem acuadas por seus medos que a noite oferece a elas. “[...] o tempo desempenha um papel de um quantum específico. Mas o tempo não o tempo não se deixa ver, tocar, ouvir, saborear nem respirar como um odor. [...]” (ELIAS, 1998, p. 07).

O tempo é algo muito traiçoeiro para as mulheres que estão em situação de rua, pelas mesmas perceberem que o tempo passa em suas vidas e nada mudam em seu cotidiano, seus comportamentos são os mesmos pelas condições vulneráveis que as mesmas vivem, pelas

mesmas não conseguirem seguir suas vidas com dignidade, não estarem morando em suas próprias casas, mesmo que essas sejam alugadas ou cedidas, inseridas no mercado de trabalho para poderem se manter sem precisar estarem em abrigos ou morando em condição de rua, correndo perigo que as ruas oferecem por sua própria civilização, a qual não tem outras alternativas de vida com novos hábitos e novas expressões.

[...] Analogicamente, é variado o desenvolvimento dos processos especiais de civilização, assim como de cada figuração dos modelos de civilização. Esses últimos encontram uma de suas expressões mais presentes no *habitus social* comuns dos indivíduos que formam entre si uma determinada unidade de subsistência, por exemplo, uma tribo ou Estado. Eles são herdeiros não só de uma linguagem específica, mas também de um modelo específico de civilização e, portanto, de forma específicas de auto-regulação, que ele absorve mediante o aprendizado de uma linguagem comum e nas quais, então, se encontram: no caráter comum do hábito social, da sensibilidade e do comportamento dos membros de uma tribo ou de um Estado nacional [...] (ELIAS, 2006, p. 23).

As expressões desses modelos de grupos de pessoas que estão em situação de rua, têm figurações diferentes e ao mesmo tem parecidas, umas pelo caráter, outras por sua linguagem, mas todos tem algo em comum por fazerem da mesma civilização, ou seja do mesmo grupo social, por estarem vivendo na mesma condição de vida socialmente.

O mesmo autor Elias (2006, p. 25) ainda afirma;

[...] Em conexão com a crescente autonomização das instâncias individuais de auto-regulação – das quais fazem parte o entendimento e a consciência, o ego e o superego –, amplia-se também manifestamente o alcance da capacidade de ser humano de se identificar com outros seres humanos, em relativa independência do grupo a que pertencem, e portanto amplia-se também sua capacidade de sentir simpatia por eles [...].

O tempo de convivência que essas pessoas que estão em condição de rua tem juntas manifesta de certa forma um vínculo entre eles, e com isso eles passam a perceber o quanto são importantes um para o outro, e por isso acabam se aperfeiçoando ainda mais que muitos criam vínculos mais fortes e formam família nesses mesmos espaços.

Como relata Morango (13.03.2021);

Eu e meu marido nos conhecemos na rua e fomos morar juntos, em seguida ele conseguiu um trabalho lá em Itacoatiara assim que ele recebeu a proposta de trabalho, lá morávamos alugados por seis meses, porém por causa da pandemia ele foi despedido do trabalho e ficou desempregado, com isso e retornamos para Manaus, e assim que chegamos aqui já ficamos nas ruas, primeiro na rodoviária, depois ficamos sabendo do Téo OSC Nova Aliança, lá eles nos encaminharam para o abrigo do Cajual, mais lá não tinha quarto para casal tínhamos que ficarmos separados, por isso só passamos uma semana por lá, por que era proibido estarmos juntos. Por esse motivo resolvemos sair de lá e voltar para a Rua. Até sermos encaminhado para vir morar aqui no Abrigo Emergencial para a População que está em condição de Rua do Governo do Estado do Amazonas.

Verifica-se como se formam as configurações de uma família. Percebe-se na fala de nossa entrevistada que por não encontrar outra forma de poder conviver a dois em um local descente que encontraram para não morar nas ruas, preferem voltar novamente para as ruas correndo vários riscos e perigos que lá podem encontrar, mas não se separaram.

Sendo assim, Elias (2006, p. 25) ressalta;

[...] Há figurações de estrelas, assim como de planeta e de animais. Mas apenas os seres humanos formam figurações uns com os outros. O modo de sua vida conjunta em grupos grandes e pequenos é, de certa maneira, singular e sempre co-determinado pela transmissão de conhecimento de uma geração a outra, portanto por meio do ingresso do singular no mundo simbólico específico de uma configuração já existente de seres humanos.

É de suma importância a configuração humana dessas pessoas que estão nessa condição de rua, pois nem eles mesmos sabem quanto tempo vão conviver nesse mesmo ambiente. Sendo assim eles vão passando seus conhecimentos e seus modos de sobrevivências para suas futuras gerações, pois essa é sua cruel e presente realidade vivida.

3. CONCLUSÃO

Com o referido trabalho descobriu-se a realidade cruel de como vive dia a dia e as noites tenebrosas e turbulentas que as mulheres que estão em situação de rua passam para sobreviver noites a pós noites, mesmo as mesmas tendo um companheiro ao qual confiam, ainda assim elas sofrem discriminações ou abusos sexuais.

Verifica-se que essas pessoas que estão nessa condição de rua, a maioria delas têm algum membro familiar com moradia fixa e que podem morar com eles para não estarem nessa condição, mas que por algum tipo de conflito que viveram ou vivem, e até mesmo orgulho em não querer incomodar ou pedir ajudar preferem morar nas ruas a morarem com seus familiares. Situação essa que somente o tempo irá poder aproximar-los novamente.

Viver em condição de Rua é uma situação cruel, desumana e muito preocupante, pelo fato de que as ruas oferece muito perigo para essas pessoas, como o aprender a ser um ser humano ante social, pois nem todas as pessoas que vivem nessa condição sub-humana são pessoas do bem, muitas são marginalizadas pela sua configuração familiar, outras pelo que as condições que estão e que as ruas oferecem a elas, como por exemplo, os crimes, os envolvimento com as drogas, a falta do teto para morar e até mesmo a fome que essas pessoas enfrentam em seu habitar.

As mulheres que vivem nas ruas são pessoas que tem famílias, mas infelizmente muitas têm familiar para recorrer e pedir ajuda, mas não o fazem pelos seus envolvimento com as drogas, as que estão desempregadas em busca de oportunidade de trabalho e ação das políticas públicas para reinserirem novamente na sociedade justa, outras não querem incomodar e ainda tem as que não querem que seus familiares saibam as condições que estão vivendo e preferem viver no anonimato a pedir ajuda, percebe-se que são vários os conflitos que essas mulheres enfrentam, mas que preferem as ruas que seus familiares.

As políticas públicas para a população em situação de rua ainda precisam de muitas melhorias em suas efetivações de fato na prática, por que no papel elas já estão sendo implementadas, mesmo que aos poucos, mas já está acontecendo. Essas políticas públicas devem continuar saindo da teoria e ir para a prática com mais frequência e com a mesma potencia que está no papel, levando com sigilo todo o arcabouço da estrutura física e profissional que a política relata nas mídias através das reportagens, sobretudo a local.

Contudo, em Manaus as políticas públicas para as pessoas em situação de rua já é visibilizada através do Abrigo Emergencial criado pelo governo do Estado do Amazonas em parceria com a OSC sem fins lucrativos Nova Aliança que já realiza esse trabalho, ofertando cidadania, alimentação diária, higiene pessoal, saúde com o consultório de rua, e ainda guarda os pertences e documentações originais para esse publicam não serem roubados e nem extraviarem. No entanto a efetivação dessa política pública deve acontecer o ano todo, não somente em tempos pandêmicos, como está ocorrendo atualmente.

4. REFERÊNCIAS

ARRUDA, Deborah. **Jornal em Tempo**. <https://www.d.emtempo.com.br/amazonas/214280/drama-social-moradores-de-rua-em-manaus-vivem-em-comdicoes-desemuna>. Data e hora da reportagem: 04.08.2020, às 09h39min. Acesso em: 30.04.2021, às 13h05min.

BRASIL, **Constituição Federativa do Brasil, 1988**.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos seguido de Envelhecer e morrer**. Tradução Plínio Dentzien. 1983.

ELIAS, Norbert, 1897-1990. **Escritos & ensaios: Estado, processo, opinião pública**/ Organização e apresentação. Federico Neiburg e Leopoldo Waizbort; tradução textos em inglês, Sérgio Benevides; texto em alemão, Antonio Carlos dos Santos; texto em holandês, João Carlos Pijnappel-Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

ELIAS, Norbert, 1897-1990. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**/Norbert Elias e John I. Scotson; tradução, Vera Ribeiro; Tradução de prefácio a edição alemã, Pedro Sussekind; apresentação e revisão técnica. Federico Neiburg - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000.

ELIAS, Norbert, 1897-1990. **Sobre o tempo**; editado por Michael Schröter; tradução, VERA Ribeiro, revisão técnica, Andrea Dahez - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

HIRATA, Márcia S. e BESSI, Renata. **Cartilha de Formação do Movimento Nacional da População de Rua**. Realização Movimento Nacional da População de Rua (MNPR). 2010.

JAIR, Araújo. <http://www.fatoamazonico.com.br/duas-mil-pessoas-vivem-em-situacao-de-rua-em-manaus-e-os-motivo-sao-diverso/>. Acesso em 30.04.2021, às 13h05min horas.

LIMA, Mariana. <http://www.observatorio3setor.org.br/noticias/no-brasil-mais-pessoas-estao-em-situacao-de-rua/>. Acesso em 30.04.2021, às 14h15min horas.

NATALINO, Marco. <http://www.ipea.gov.br/ouvidoria>. Acesso em 30.04.2021, às 13h40min horas.

PALAVRAS-CHAVE: Tempo, Gênero, Políticas Públicas, Mulher em Situação de Rua